

# CONTEXTO HISTÓRICO E FORMAÇÃO DO CÂNONE: A PRESENÇA DE DANTE, MAQUIAVEL E FOSCOLO NA *STORIA DELLA LETTERATURA ITALIANA* DE FRANCESCO DE SANCTIS

Karine Simoni  
(UFSC)

## RESUMO

O crítico e historiador da literatura Francesco De Sanctis (1817-1883) vivenciou um período peculiar da história da Itália: o processo de unificação da península. Na sua *Storia della letteratura italiana* descreve e avalia a experiência histórica, social e literária dos principais nomes da literatura italiana, estabelecendo um cânone literário que influenciará os críticos e historiadores literários posteriores. Dentre as características mais valorizadas por De Sanctis para a construção desse cânone está a relação entre vida literária e envolvimento político-social do escritor. Desse modo, este estudo tem por objetivo averiguar como De Sanctis analisa a vida e a obra de três desses importantes nomes da literatura e história italianas: Dante (1265-1321), Maquiavel (1469-1527) e Foscolo (1778-1827).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura italiana - História - Construção do cânone % Francesco De Sanctis.

Para a literatura italiana, o estudo da gênese e do desenvolvimento da chamada História Literária, entendida aqui como uma abordagem que se volta não apenas para o estudo das obras e autores isolados em uma determinada sociedade, mas para todo o complexo desenvolver-se de tal sociedade, adquire uma legítima materialidade na segunda metade do século XIX, mais precisamente nas suas últimas décadas.

De fato, o período que compreende a segunda metade do século XIX tem sido identificado pelos historiadores e críticos da literatura como um momento de destaque que marca o surgimento e o debate sobre a nacionalidade literária. Não por acaso a necessidade de criar uma literatura nacional e empenho em criar um estado nacional andam lado a lado em várias nações, como é o caso da Itália e da Alemanha.

A relação entre nacionalismo e formação do cânone literário no século XIX foi analisada por Antoine Compagnon. Segundo ele, foi a partir da ascensão dos nacionalismos que “os grandes escritores se tornaram os heróis dos espíritos das nações” (COMPAGNON, 2001, p. 227). Assim, autores e obras que melhor descrevessem o sentimento de pertença a uma dada nação foram escolhidos como representantes da história, da cultura, da identidade e das aspirações dos habitantes dessa mesma nação.

Como se sabe, o processo de formação do cânone literário é resultado das relações de poder que estabelecem as razões pelas quais certas obras são consideradas literárias e outras não, certos autores são considerados “grandes” e outros “menores” em determinados períodos e contextos históricos. Segundo o dicionário *on line etimo.it*, o termo *cânone* provém do grego *kanón*, e dizia respeito a uma regra ou modelo representada por uma obra ou um poeta. Mais tarde, a Igreja utilizou o termo para designar a lista de santos e também a seleção de livros reconhecidos pelo Vaticano. Ou seja, as origens e os usos do termo estão fundamentados em um processo de exclusões, e por esse motivo, a questão do cânone literário é “sempre polêmica, na medida em que é o resultado de uma escolha por parte de autoridades críticas, inseridas necessariamente em contextos ideológicos” (CAIRO, 2010, p. 133).

No caso do historiador e crítico literário Francesco De Sanctis (1817-1883), esses aspectos são particularmente visíveis e importantes para compreender a sua *Storia della letteratura italiana*<sup>1</sup>, que influenciou e ainda influencia o cânone literário italiano. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é tecer considerações sobre como De Sanctis estabelece o seu cânone literário a partir da análise que o historiador fez da vida e da obra de três importantes nomes da literatura italiana: Dante (1265-1321), Maquiavel (1469-1527) e Foscolo (1778-1827) presentes na *Storia della letteratura italiana*, publicada entre 1870 e 1872. Até então, os historiadores literários se inspiravam principalmente nos modelos enciclopédicos do Século das Luzes, ou nos exemplos de histórias literárias estrangeiras, de modo a destacarem as informações

biográficas dos autores e o caráter estético das obras. De Sanctis teria sido o primeiro historiador da literatura italiana a relacionar arte e sociedade e a negar a concepção puramente estética da literatura, considerando-a por um lado como parte da história e da filosofia, e por outro como produto do escritor e da sociedade.

Um dos primeiros a reconhecer a importância da obra de De Sanctis foi Luigi Russo, que afirma:

A singularidade desta obra consiste em ser ao mesmo tempo uma história da literatura e uma história da vida moral do povo italiano. A preocupação moralista pode parecer, aqui e ali, que deforme a visão do historiador literário, mas, na verdade, é preciso reconhecer que todo historiador traça sempre a história de um mito seu. Sem aquele mito de uma Itália que decai por um excesso de literatura, e que a grandeza dramática da história italiana reside nessa oposição entre o esplendor intelectual e a decadência política, não teríamos tido uma obra assim tão compacta e tão eloquente. (RUSSO, 2009, p. 45).

Nesse sentido, segundo Russo, a história da literatura proposta por De Sanctis é entendida como narração do desenvolvimento do “espírito” italiano. Isso não implica em dizer que outras formas não haviam sido escritas nos séculos anteriores, como bem demonstrou Giovanni Getto (2010, p. 05) ao afirmar que na Itália “o primeiro esboço de história literária poderia efetivamente ser individuado no *De Vulgari Eloquentia*”, célebre obra de Dante na qual ele traça as linhas principais da poesia italiana dos séculos XIII e XIV.

Antes de analisar como foram representados Dante, Maquiavel e Foscolo na *Storia* de De Sanctis, convém tecer algumas considerações sobre o autor, bem como uma breve análise do contexto de publicação da sua obra. A escolha dos três autores citados se deu porque eles parecem personificar o que De Sanctis considera o verdadeiro literato, isto é, aquele que relaciona a vida literária à vida político-social. Essa relação é determinante para De Sanctis e fundamenta o juízo crítico dos autores italianos desde o Medievo até a sua época. Logo, e já adiantando em parte a conclusão, é a partir do comprometimento social-civil do escritor que se dá a construção do cânone literário desanctiniano na sua *Storia della letteratura italiana*.

## De Sanctis: O Homem e a Obra

É consenso encontrar, nas histórias da literatura e da crítica, o nome de De Sanctis associado ao cenário político do período. Com efeito, De Sanctis foi um homem da geração do *Risorgimento*<sup>2</sup>; em 1848 e 1861 participou das lutas pela independência e unificação italiana; conheceu o cárcere e o exílio. Após a unificação do país, no primeiro Governo da Itália, exerceu o cargo de *Ministro della Pubblica Istruzione* e sempre uniu a sua atividade de homem político e parlamentar à de crítico, ensaísta, conferencista e professor de literatura italiana e comparada.

Sobre a escrita da sua obra mais importante, Raul Mordenti (2008) destaca dois motivos principais. O primeiro dele, de cunho econômico, teria sido determinado por dificuldades financeiras, uma vez que naquela época os cargos parlamentares e ministeriais não eram rentáveis. De Sanctis teria pensado numa obra de larga difusão nas escolas, que provavelmente lhe traria algum benefício. O segundo estaria relacionado à questão político-cultural vivenciada pela Itália do período. Para De Sanctis, o *Risorgimento* não se concluiu com a Unificação, até porque os idealizadores e defensores do movimento estavam desiludidos com modo como vinha sendo construída a nação italiana pós-1861. De Sanctis acreditava que uma história da literatura nacional para alunos do ensino médio estava estreitamente relacionada com o esforço de “fazer os italianos”. Os manuais escolares seriam, portanto, um terreno decisivo na formação dos futuros líderes e mesmo de uma identidade nacional italiana. Na ausência de um Estado, uma economia, uma língua comum, a literatura seria o meio mais adequado para promover a sustentação da história social, intelectual, política da nação italiana, uma vez que ao longo dos séculos a Itália tinha sido a pátria comum de intelectuais, poetas, escritores e cientistas. Mas como escrever, como deveria ser essa história da literatura?

Ao criticar o manual de literatura escrito por Settembrini, o qual seria excessivamente positivista por apresentar um conjunto estático de nomes e datas que não representavam o ser e viver italiano, De Sanctis (1966, p. 45) afirma que:

Uma história da literatura é como o epílogo, a síntese final de um trabalho enorme. [...] Tiraboschi, Andres, Ginguene são uma síntese do passado. Hoje tudo é renovado, tudo descasca um novo mundo: a filosofia, a crítica, arte, história, filologia. [...] A antiga

síntese está dissolvida, recomeça o trabalho paciente de análise, parte por parte. Quando uma história da literatura será possível? Quando este trabalho paciente levará a sua luz por todos os lados, quando sobre cada época, sobre cada escritor importante existir uma monografia, ou estudo, ou ensaio equivalente, que diga a última palavra e responda todas as perguntas. O trabalho de hoje não é história, mas é monografia.

A história da literatura deveria ser então o resultado da interligação de quatro elementos: a estética (relação entre forma e conteúdo), a história da nação italiana, a história da língua e a crítica sobre os autores e suas épocas. Nas palavras de De Sanctis (1966, p. 465), “uma história da literatura pressupõe uma filosofia da arte, geralmente permitida, uma história exata da vida nacional, pensamentos, opiniões, paixões, costumes, características, tendências; uma história da língua e das formas, uma história da crítica”.

A história da literatura concebida dentro desses moldes seria capaz de orientar e conduzir os italianos, especialmente as gerações futuras, à unidade nacional. Para alcançar esse objetivo, De Sanctis dividiu a sua *Storia* em 20 capítulos, que na edição escolhida para essa análise soma 920 páginas. Se considerarmos o espaço que cada século tem na obra, parece que, para De Sanctis, a literatura italiana está concentrada em dois grandes séculos: o *Trecento*/séc. XIV (300 p.) e o *Cinquecento*/séc. XVI (225 p.), enquanto as origens (séculos XIII e XIV), o *Quattrocento*/séc. XV, o *Seicento*/séc. XVII e o *Settecento*/séc. XVIII parecem representar uma espécie de oposição, uma vez que foram menos abordados, contabilizando menos de 200 páginas. Ao *Ottocento*/séc. XIX foi destinado um capítulo de cerca de 110 páginas, e um dos motivos está no fato de De Sanctis afirmar que pretendia escrever uma obra sobre a literatura italiana a ele contemporânea.

A quantidade de páginas destinadas a cada século ou período pode servir como indicio de quais autores e obras foram melhor considerados por De Sanctis, mas esses números não podem ser considerados por si só. Dante, por exemplo, aparece em vários momentos além dos capítulos dedicados a ele. Logo no início, o autor florentino aparece como o verdadeiro fundador do vernáculo italiano; mais tarde, como principal antagonista de Petrarca; e ainda mais tarde como a principal referência para os juízos críticos de De Sanctis. O mesmo se poderia dizer de Maquiavel, constantemente citado ao longo da *Storia*, e não apenas no período dedicado aos séculos XV e XVI<sup>3</sup>.

A importância destas escolhas não deve ser subestimada. Ao selecionar os pais fundadores, os autores principais, ao definir o que pertence e o que não pertence à literatura italiana, e ainda ao apontar determinados autores e períodos como fatores de crise e decadência, De Sanctis influenciou a historiografia literária italiana por muitas décadas e talvez até hoje essa influência se faça sentir. Mas como De Sanctis construiu o objeto “literatura italiana”?

A primeira observação a ser feita é a tentativa de construir uma história literária conciliando a literatura e a língua italiana. A produção latina dos autores, mesmo que bastante significativas, como aquela de Dante, Petrarca e Boccaccio, e do pouco estudado *Quattrocento*, foram praticamente deixadas à parte. Da mesma forma, a rica produção literária nos diversos dialetos da península não foi considerada, e autores importantes do ponto de vista da literatura dialetal, como o napolitano Giambattista Basile, o romano Giuseppe Gioachino Belli e o milanês Carlo Porta não são citados.

Outro aspecto importante a ser considerado é em relação ao tipo de texto que De Sanctis considera como literário. O autor privilegia a poesia e a narrativa, em detrimento de outras manifestações literárias, como o teatro, que é deixado em segundo plano. Por outro lado, autores comumente pouco considerados pelas histórias literárias mais atuais também foram citados, como Tommaso Campanella, Giordano Bruno e Galileu Galilei, apresentados como mártires e ou homens da ciência, cujo valor está na coragem de propor ideias diferentes daquelas defendidas pela hegemonia da época. Por fim, nota-se também que De Sanctis não apresenta a literatura popular, oral e coletiva, com exceção do capítulo V, *I misteri e le visioni*. Nos demais capítulos, esse aspecto da história literária da Itália é deixada de lado.

A partir dessas considerações iniciais, pode-se perceber que, no vasto campo da literatura italiana, De Sanctis define o seu lugar, a partir das suas próprias opções e argumentos ético-políticos, e constrói a sua história da literatura italiana. História essa que Renè Wellek afirma ser “a mais bela história literária que foi escrita” (DE SANCTIS, 2009, p. I), pois é uma história literária que é ao mesmo tempo história e literatura. O crítico afirma ainda que a obra pode ser lida como dois livros que se sobrepõem: uma história da literatura de invenção, sobretudo da poesia e da narrativa de Dante a Metastásio, representada como um processo de continua decadência, e uma história das

ideias, de Maquiavel a Vico e Leopardi, representada como a história da ascensão do homem, do progresso do conhecimento, de um estudo cada vez mais exato sobre o homem e o seu lugar no universo.

Se escrever a história da literatura foi uma preocupação do século XIX, dentre todos os que escreveram nesse período, como Tiraboschi, Settembrini, Madame de Staël e os irmãos Schlegel, para citar alguns nomes, De Sanctis parece ter diferido destes por ter fundido a concepção histórica na literatura, cujo desenvolvimento é visto em relação à história política, social e moral da nação, e o juízo crítico pessoal dos textos.

O processo literário italiano descrito por De Sanctis não é retilíneo: existiram na história italiana “pontos altos”, aqueles em que a literatura e os poetas estavam empenhados em expressar o espírito da nação – e dentre esses Dante está em primeiro lugar – e os “pontos baixos”, aqueles nos quais a literatura italiana se distanciou do povo-nação e se satisfiz consigo mesma, desprovida de conteúdo. A falta de empenho moral e político do escritor, a hipocrisia servil, o egoísmo antissocial, em suma, a separação entre o intelectual / literato e o destino da nação são defeitos da nação italiana que explicam a sua longa decadência – “*la corruttela italiana*”. Marino, por exemplo, é apresentado como uma espécie de anti-Dante, por dar mais atenção à forma do que ao conteúdo. Portanto, a análise das escolhas de De Sanctis para a construção do seu cânone foi feita a partir da premissa que o seu juízo de valor é ao mesmo tempo estético e ético-político.

Feitas essas considerações, passarei a tratar da representação de Dante, Maquiavel e Foscolo na obra aqui analisada.

## Dante, Maquiavel e Foscolo: As Escolhas de De Sanctis

Se o século XIII, no qual se localiza o início da literatura italiana, é o século da transcendência porque o Homem, e em consequência a literatura, está em profunda comunhão com a religião, com Dante há, segundo De Sanctis, uma superação das correntes ascético-popular e filosófico-douta, e tem início uma nova literatura, personificada na *Commedia*. O texto de Dante seria assim a expressão máxima do período medieval, e, mais que isso, o Medievo concretizado de forma artística, “poema universal, no qual se refletem todos os povos e todos os séculos que se chamam medievo”. (DE SANCTIS, 2009, p. 240).

Dante é o primeiro autor sobre o qual De Sanctis fala de modo disseminado em toda a *Storia*, porque o poeta florentino seria um homem total, que soube desenvolver plenamente as suas habilidades religiosas, morais, linguísticas, intelectuais e criativas. Virtudes humanas e poéticas, sinceridade, verdade, sentimento patriótico e imaginação potente são algumas das qualidades de Dante citadas por De Sanctis, que acrescenta também que o poeta “é a mais potente individualidade daquele tempo” (DE SANCTIS, 2009, p. 243), filósofo e literato, e “abraçando as combinações abstratas, encontra mil aberturas para fazer penetrar nelas o ar e a luz”. (DE SANCTIS, 2009, p. 238).

O autor da *Commedia* é visto como o escritor completo que busca superar a divisão entre intelectuais e povo-nação. Isso acontece, segundo De Sanctis, porque a *Divina Comédia* “não é um conceito novo (...) surgido no cérebro de Dante (...). Pelo contrário, o seu valor é o de ser o conceito de todos”. (DE SANCTIS, 2009, p. 215). Ou seja, a poesia de Dante é a síntese de forma e conteúdo, arte e vida, fé e compromisso com a ética e política, é “o mundo universal do medievo realizado a partir da arte”. (DE SANCTIS, 2009, p. 248).

A *Commedia* é vista como “uma daquelas construções gigantescas e primitivas, verdadeiras enciclopédias, bíblias nacionais, não este ou aquele gênero, mas o todo, que contém no seu ventre ainda indesejadas toda a matéria e todas as formas poéticas” (DE SANCTIS, 2009, p. 245), ou seja, é uma obra insuperável que contém em seu interior toda a futura literatura italiana.

De fato, convergem na poesia de Dante, de acordo com De Sanctis, todo o seu século e até mesmo todo o patrimônio intelectual do povo italiano:

A substância são as tradições e as formas populares reunidas em torno do mistério da alma (...) juntando, com base na cultura, as tradições e as formas populares, reúne as duas literaturas (...) a ciência sai do santuário e se faz povo, se faz mistério e lenda. Daí a imensa popularidade deste livro. (DE SANCTIS, 2009, p. 215).

O mérito de Dante estaria em ter tomado o *mistero dell'anima*, conceito fundamental daquele período, e aplicá-lo como arte e como realidade. Por isso, para De Sanctis, nenhum autor melhor que Dante soube elevar a ciência em seu tempo. Depois de Dante o homem medieval teria se desintegrado: Petrarca, definido como mais artista que poeta, é louvado, mas também é criticado devido ao excesso de forma-

lidade e pelo culto da forma por si mesma. Isso seria um sinal da crise e da decadência da literatura: “A Itália teve o seu poeta, agora tem o seu artista”. Em relação a Boccaccio, De Sanctis sublinha o caráter cômico e despreocupado do autor do *Decameron*, e o seu nome é acompanhado de expressões como “o tranquilo Giovanni” (DE SANCTIS, 2009, p. 385), “Giovanni da tranquilidade”, “tranquilidade despreocupada” (DE SANCTIS, 2009, p. 394), como se o elemento cômico fosse o início de uma consciência não empenhada e superficial. Boccaccio seria a personificação do “bom burguês”, pouco comprometido com as questões políticas do seu tempo e, portanto, pouco apreciado por De Sanctis.

Exatamente o contrário de Maquiavel. Mais uma vez, De Sanctis explica o desenvolvimento, ou melhor, a decadência da literatura italiana pelas influências históricas. Nos séculos da dominação estrangeira teria prevalecido, segundo De Sanctis, a corrupção dos intelectuais e dos escritores, que escreviam mais com as formas do que com a fantasia e a imaginação. Seria o caso de Ludovico Ariosto, que não escreveu movido por um “sentimento religioso ou moral ou patriótico, do qual não havia qualquer vestígio da sua arte, mas o puro sentimento da arte, a necessidade de realizar os seus fantasmas”. (DE SANCTIS, 2009, p. 573).

Ao mesmo tempo, os séculos XV e XVI veem surgir uma tendência diferente, laica e racionalista, que tem o seu símbolo na figura de Maquiavel, responsável por promover a reconstrução das letras italianas, uma vez que as obras do escritor florentino se destacam por “reabilitar a vida terrena, dar-lhe um escopo, refazer a consciência, recriar as forças interiores, restituir o homem da sua seriedade e na sua atividade [...] É a negação do medievo”. (DE SANCTIS, 2009, p. 594).

O Maquiavel de De Sanctis, não por acaso, é antes de tudo um político em ação, “descido do pedestal, igual entre iguais” (DE SANCTIS, 2009, p. 601), isto é, diretamente empenhado na luta política a serviço da sua república: “Naquelas funções e naquelas lutas se reafirmou o seu caráter e se formou o seu espírito [...] E a sua consciência não é vazia. Dentro dela está a liberdade e a independência da pátria.” (DE SANCTIS, 2009, p. 586). Em outra passagem, De Sanctis retoma esse conceito ao afirmar que “a missão do homem sobre esta terra, o seu dever primeiro é o patriotismo, a glória, a grandeza, a liberdade da pátria.” (DE SANCTIS, 2009, p. 595).

O significado que De Sanctis atribui à “esplêndida prosa moderna” começada por Maquiavel é muito particular. O mérito da prosa maquiaveliana está em olhar para a realidade das coisas, e para o efeito

dessa realidade, ao invés das formas literárias vazias. Assim, abre caminho à “ciência do homem”, que conduzirá à ciência moderna: “Nicolau não é filósofo da natureza, é filósofo do homem. Mas o seu gênio ultrapassa o assunto e prepara Galileu.” (DE SANCTIS, 2009, p. 594). De Sanctis diz, por fim, que se prefigura assim um novo tipo de burguês. Não era o burguês “tranquilo” presente em Boccaccio, mas um burguês moderno, como o filho do *Risorgimento* italiano que ele mesmo era: “Por vezes ele te parece um romano envolvido na toalha do altar, de tão sério, mas olhe-o bem, e encontrarás o bruguês do *Risorgimento*, com aquele seu sorrisinho equívoco”. (DE SANCTIS, 2009, p. 601).

O período posterior a Maquiavel é apontado por De Sanctis como um período de superficialidade e decadência, e um dos principais motivos está no fato de os literatos, como Giambatista Marino, usarem a palavra com fim em si mesma.

Sobre o final do século XVIII e o início do século XIX, De Sanctis identifica em Parini, Alfieri e Foscolo aqueles que, diante da sociedade tirânica e escravizadora, ofereceram exemplos positivos por lutaram pela liberdade. Em Foscolo “vivo foi o senso de humanidade em seu progresso e em seus propósitos, ligada à família, à pátria, à liberdade, com a glória combatia em nome da filosofia, liberdade, da economia pública.” (DE SANCTIS, 2009, p. 942). Ao mesmo tempo, com o *carne dei Sepolcri*, “O homem novo se integra [...] o homem interior acima das paixões contemporâneas era o homem inteiro, na exterioridade da sua vida de patriota e de cidadão e na intimidade dos seus afetos privados, era a aurora do novo século.” (DE SANCTIS, 2009, p. 945). Por isso, Foscolo oferece a fórmula da nova literatura, que pelo seu engajamento civil, pela força que não está no exterior, mas na consciência do escritor e de seu papel é “o expoente da nova escola”. (DE SANCTIS, 2009, p. 946).

Foscolo também representa a nova literatura, segundo De Sanctis, graças à supressão da rima, uma reação contra o excesso de preocupação com a forma. Todas essas características teriam feito de Foscolo um grande poeta, porque

Essas coisas Foscolo não apenas pensa, mas as sente. Existia já o patriota, o homem livre: aqui aparece o homem na sua intimidade, nos delicados sentimentos da sua natureza civil. O homem novo se integra, o mundo interior da consciência é acrescido de novos elementos. E é dessa profundidade de sentir que surgiram as mais belas inspirações da lírica italiana [...] O ponto de vista é talmente elevado que o espetáculo da Itália caída tão baixo, matéria de tanta

retórica, o encontra conformado e meditativo sobre os acontecimentos alternativos da espécie humana. Nele existe a vista de filósofo, coração de homem e inspiração de poeta. (DE SANCTIS, 2009, p. 944).

Após analisar a figura de Foscolo, De Sanctis cita e comenta brevemente Leopardi, pois, como dito, pretendia escrever uma história da literatura italiana a ele contemporânea. Talvez por isso a página final da *Storia* seja um apelo à Itália para que busque em si mesma os escritores e as obras mais importantes da literatura a fim de se libertar dos vícios e construir uma nação baseada nos valores éticos e civis defendidos pelos literatos que ele apontou como símbolos da Itália e modelos a serem seguidos pelas gerações futuras.

A ideia de estudar a gênese e o desenvolvimento da literatura, em diferentes épocas, culturas e nacionalidades, implica também entrar em contato com a identidade de um grupo, pois esta é formada por diferentes elementos de uma memória comum, dentre os quais a literatura, que é segundo Raimondi (2000, p. IX) uma “[...] instituição que conserva o passado através da palavra.” Dentro dessa visão, uma história literária pode ser escrita e lida de vários modos, movida por diferentes objetivos. Isso porque a literatura não é apenas um objeto de estudo e o estudo desse objeto, mas é ao mesmo tempo uma construção sobre o passado mediada por um determinado tipo de discurso, que por sua vez é escrito e atualizado como produção de significados. Analisar essa gama de significações implica examinar “não as personalidades individuais ou os momentos particulares de uma determinada civilização literária, mas todo o complexo difundir-se de tal civilização”. (GETTO, 2010, p. 05)

Como procurei mostrar, De Sanctis estabelece em sua *Storia della letteratura italiana* a ligação entre o conteúdo e a forma, a fim de reconstruir o mundo cultural a partir do qual surgiriam as “grandes” obras da literatura italiana. O método da crítica desanctiniana nasce, além da elaboração intelectual, de uma tentativa de superar para sempre a diferença entre o literato e o homem, entre a cultura e a vida nacional, entre a ciência e a vida. O escritor nunca é por De Sanctis um homem isolado e introspectivo, mas visto no contexto que o rodeia, ou seja, sua civilização e sua cultura, ao mesmo tempo em que é responsável por instigar, nesse mesmo meio, as virtudes familiares, patrióticas e civis que seriam responsáveis por conduzir a Itália ao *status* de nação livre e unificada.

## ABSTRACT

The critic and literary historian Francesco De Sanctis (1817-1883) experienced a peculiar period in the history of Italy: the unification of the peninsula. In his *Storia della Letteratura Italiana* describes and evaluates the historical experience, social and literary of the main names of the Italian literature, establishing a literary canon that will influence the later literary critics and historians. Among the features most valued by De Sanctis to build this canon is the relationship between literary life and social and political involvement of the writer. This study aims to find out how De Sanctis examines the life and the work of these three important names of Italian history and literature: Dante (1265-1321), Maquiavel (1469-1527) and Foscolo (1778-1827).

KEY-WORDS: Italian Literature - History - Construction of the canon % Francesco De Sanctis.

## REFERÊNCIAS

- CAIRO, Luiz Alberto Velloso. Apontamentos sobre o cânone da história da literatura brasileira na virada dos séculos. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: Teorias e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. [Trad. Cleonice Mourão e Consuelo Santiago]. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. 2ed. Milano: BUR Rizzoli, 2009.
- \_\_\_\_\_. Settembrini e i suoi critici. In: *Scritti critici*. Milano: Rizzoli, 1966.
- GETTO, Giovanni. *Storia delle storie letterarie*. Napoli: Liguori, 2010.
- MORDENTI, Raul. *La Storia della letteratura italiana di Francesco De Sanctis*. Università di Roma Tor Vergata / Italian Culture on the Net (mimeografado), 2009.
- RAIMONDI, Ezio. *Letteratura e identità nazionale*. Milano: Bruno Mondadori, 2000.
- RUSSO, Luigi. La carreira mental de Francesco De Sanctis. In: DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. 2ed. Milano: BUR Rizzoli, 2009. p. 42-46.
- VOCABOLARIO ETIMOLOGICO DELLA LINGUA ITALIANA. Disponível em: <http://www.etimo.it/>. Acesso em: 14/03/2012.

WELLEK, Renè. Introduzione. In: DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. 2ed. Milano: BUR Rizzoli, 2009. p. 42-46.

## NOTAS

<sup>1</sup> Doravante *Storia*. Nesse estudo foi usada a edição: DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. 2ed. Milano: BUR Rizzoli, 2009.

<sup>2</sup> Nome dado pela historiografia para designar o período da história italiana que inicia após o fim da dominação napoleônica na península e culmina com a unificação do país e a instauração do Reino da Itália.

<sup>3</sup> Vale lembrar também que a composição da *Storia* foi marcada por dificuldades de todo tipo, como atrasos e pressa, que acabaram por deixar traços marcantes, como repetições e equívocos. Como se sabe, o primeiro volume da *Storia* foi publicado em agosto de 1870, impresso apressadamente. O segundo volume será lançado somente em 1872.

---

Recebido em 30/05/2012.

Aceito em: 31/07/2012.